

### 2.3.3 Os cemitérios, lugares de cultura: um novo olhar e a patrimonialização desses espaços – o Minicurso de Arte Funerária

**Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho**

*Doutora em História, Teoria e Crítica de Arte – PPGAV/UFRGS; Professora Adjunta do Departamento de Museologia Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas – Universidade Federal de Pelotas  
marmorabilia@gmail.com*

**Resumo:** As necrópoles urbanas são lugares de cultura e de conhecimento da história das pessoas e das cidades. Hoje vamos aos cemitérios para caminhadas que são aulas abertas, em que nos aproximamos dos túmulos para apreciar sua arte e para conhecer um pouco sobre seus falecidos. Podemos pensar nos cemitérios históricos e artísticos como centros culturais e passarmos a frequentá-los com o intuito de manter esses espaços em uso, hoje não tanto para o sepultamento, mas mais para acessar e partilhar o conhecimento que mantém vivas as suas memórias.

**Palavras-Chave:** Cemitérios. Marmorarias. Marmorabilia.

Os cemitérios brasileiros possuem acervos de arte funerária esplendorosos, tanto de obras de artistas estrangeiros que se radicaram no Brasil, como de obras importadas de outros países: os principais, Itália, Portugal, Alemanha e França. São milhares de construções tumulares, esculturas, adornos, ornatos, grande parte desconhecidos de catalogação oficial e disponível.

A difusão das pesquisas em cemitérios brasileiros aumentou muito nos últimos quinze anos, quando foram escritos diversos TCC's, monografias, dissertações e teses, bem como pesquisas por interesses extra-acadêmicos. A fundação da ABEC- Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais em 2004 congregou os pesquisadores do país e contribuiu solidamente para o desenvolvimento do tema. Os cemitérios são estudados nas mais diversas áreas de conhecimento e os estudos agora apresentam uma perspectiva para sua continuidade e amadurecimento.

Para o pesquisador de arte funerária, que a cada documento encontrado comemora - já que em algumas regiões do país é muito difícil se conseguir qualquer coisa sobre os túmulos - há ainda uma satisfação maior: um cemitério ou marmoraria ter seu material/acervo disponibilizado, organizado e pensado para receber novos interessados. Vamos falar aqui sobre o potencial dos cemitérios como centros culturais, museus ou memoriais.

O trabalho de incluir o tema da morte e os artefatos à ela ligados nos espaços culturais tem dois exemplos interessantes para iniciarmos nossa reflexão. São as instituições do *Centro Histórico e Cultural Santa Casa* em Porto Alegre e do *Memorial*

*Mathias Haas em Blumenau.* Essas instituições não estão necessariamente localizadas dentro de cemitérios, mas a partir delas, podemos ir às necrópoles com o objetivo de conhecer e vivenciar os espaços dos mortos.

O Centro Histórico e Cultural da Santa Casa foi inaugurado na década de 1990 e abriga um acervo imenso de objetos, equipamentos, documentos e obras de arte, que são constantemente atualizados em pesquisas, eventos e debates. A instituição conserva o material e a história da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, criada em 1803 e de seu cemitério, aberto em 1850.

A quantidade de documentação em papel que o acervo guarda é vultuosa, bem como objetos e instrumentos que contam a própria história da medicina no Rio Grande do Sul. A atenção com seu cemitério faz parte de seus objetivos, e esse lugar é visto como uma extensão da entidade da Santa Casa, naturalmente observadas suas relações com o momento final, quando a medicina infelizmente não consegue resgatar o enfermo de seu destino fatal.

O Centro Histórico e Cultural da Santa Casa se dedica a manter a história e o espaço de seu cemitério, com um programa ativo de visitação às necrópoles de Porto Alegre. Há variedade de roteiros, voltados aos sepultados e à arte funerária. É perceptível também a inclusão do cemitério nas exposições realizadas pelo CHCSC, pois é seguidamente mencionado nas atividades. Os roteiros foram estendidos e incluem outro cemitério da capital, o Cemitério São José. Trata-se da caminhada noturna que conduz uma centena de pessoas pelas necrópoles durante a noite, principalmente nas sextas-feiras 13, tal como acontece em outros países, no exemplo mais conhecido, a caminhada noturna realizada no Cemitério dos Prazeres em Portugal.

O CHCSC oferece material para pesquisa sobre os cemitérios de Porto Alegre e tem fomentado a frequência aos cemitérios, ponto que interessa aos nossos estudos: como trazer de volta o costume de ir ao cemitério, de retomar esse espaço e de vê-lo como um lugar, tal como era frequentado pelas pessoas em sua época mais antiga?

Naturalmente devemos considerar que essa apropriação do cemitério é diferente da do passado, quando os cidadãos iam aos cemitérios para cultuar a memória dos mortos. As caminhadas são uma iniciativa do Centro Cultural para o público frequentar o lugar com uma visão atualizada, considerando o potencial para educação patrimonial. A visitação permite se aproximar do túmulo e do falecido – que geralmente é um vulto histórico - o que presentifica a existência dos nomes dados aos aparatos públicos, como ruas, bairros, praças, teatros, escolas. Lá na necrópole esses túmulos são a morada final desse falecido, mas também são as obras de arte feitas por determinados artistas, são os materiais pétreos e os metais, são os discursos e a própria história da cidade e de nós mesmos.

Já o Memorial Funerário Mathias Haas é atualmente o único centro cultural e museu brasileiro que guarda a memória do fazer das marmorarias e a história de seu marmorista, Mathias Haas, “imigrante alemão que chegou ao Brasil em 1904”. O memorial tem por premissa “salvaguardar o acervo que ele reuniu ao longo da sua vida e que conta a história de sua família e a empresa funerária”. O Memorial foi organizado pela Família Haas e pela historiadora e pesquisadora Elisiana Trilha Castro, e inau-

gurado por ocasião do VIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, em 2017. A coleção que esse memorial guarda é um dos mais fantásticos acervos para termos conhecimento da produção da arte funerária e do trabalho e da vida de seus marmoristas. O que está guardado na reserva técnica da Haas é um dos maiores tesouros sobre a temática da arte funerária e o impacto de sua abertura ao pública é ainda algo que não conseguimos mensurar por ser muito recente. O Memorial Mathias Haas há de conduzir muitas pessoas aos cemitérios, interessadas pela cultura cemiterial e embasadas no conhecimento do funcionamento de uma marmoraria, o que proporcionará uma experiência muito mais crítica e direcionada dentro das necrópoles.

Minha reflexão se insere nesse evento com o objetivo de pensar os nossos cemitérios no Rio Grande do Sul como lugares de frequência e possíveis centros culturais. Vejamos então alguns motivos para pensarmos isso. Temos em meio às cidades coleções ímpares de monumentos escultóricos, encerradas entre muros, em materiais nobres e dotados de potencial de conhecimento. Além disso esses monumentos não são somente esculturas monumentais, eles são o lugar em que jazem os restos mortais daqueles que fizeram nossos nomes e construíram nosso patrimônio. Por todos os cantos da cidade há marcos memoriais que permitem um retorno ao início da nossa história, que nos ajudam a situar-nos nesse espaço em que estamos inseridos.

### **Visitas mediadas: percepções compartilhadas**

Certamente as experiências mais válidas no sentido de retomar a frequência aos cemitérios são as caminhadas culturais. Em minha experiência pessoal e profissional com esses lugares, posso dizer que em quinze anos de estudos<sup>1</sup> a procura pelas visitas é constante, e que os presentes nas caminhadas participam criticamente, tecendo opiniões críticas, sensibilizando e compartilhando percepções e contribuindo com novos questionamentos. As caminhadas são grandes aulas ao ar livre, em contato com os objetos de estudo e imersos em sua atmosfera.

As caminhadas do Programa Viva o Centro a Pé passaram a ser ofertadas em 2008, junto à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Foram várias edições, todas com vagas esgotadas. Realizamos dois tipos de roteiro: o primeiro, com início no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre e com término no Cemitério Evangélico I.<sup>2</sup> Esse roteiro permitia observar diferenças entre os cemitérios, em relação à sua confissão religiosa e o próprio cemitério, como são os túmulos, os materiais, a arte funerária. O Cemitério da Santa Casa é católico e a profusão da estatuária é muito exuberante. Não há arborização ou, quando muito pontualmente, há algum paisagismo. No cemitério Evangélico, o túmulo dialoga com o espaço verde, da natureza. O marco funerário deve aproximar o visitante da vida: os túmulos são cobertos por cara-

---

<sup>1</sup> Apesar de frequentar o cemitério desde muito jovem, por encontrar nele um local de paz e de conhecimento, formalizei meus estudos no tema arte funerária em 2003, por ocasião de minha pesquisa de especialização em Patrimônio Cultural – Conservação de Artefatos, na UFPel.

<sup>2</sup> Hoje os Cemitérios Evangélico I e II são o Memorial Martim Lutero.

manchões. Há flores e uma diversificada vegetação.

Quando fizemos a caminhada entre o Cemitério da Santa Casa e o Evangélico I, percorremos dois cemitérios, datados de 1850 e de 1852, respectivamente. Nesses cemitérios encontramos materiais de fases distintas da arte funerária, como a pedra grês, o mármore e o granito. Verificamos também que o aumento dos sepultamentos requereu novos espaços.

Com as caminhadas, minha percepção do espaço funerário foi se ampliando, na medida em que acompanhada por dezenas de pessoas eu revia esses espaços e que múltiplos olhares apuravam o meu olhar. O interesse dos grupos de participantes conduziu à um segundo roteiro: um comparativo entre os cemitérios católico e evangélico luterano mais modernos: o Cemitério São Miguel e Almas e o Cemitério Evangélico II. Assim, percorremos os caminhos de duas novas necrópoles, o São Miguel e Almas, datado de 1909 – que é um desdobramento do próprio Santa Casa, pois a Irmandade do Arcanjo tinha lá um terreno seu - e o Cemitério Evangélico II, uma expansão do próprio setor mais antigo do Cemitério Evangélico, com paisagismo e arquitetura tumular moderna, seguindo os preceitos do cemitério bosque. Os acervos dessas necrópoles são ricos em granito e em bronze. No segundo roteiro podemos ampliar a análise dos acervos de arte funerária e articular a percepção desses acervos com períodos, etnias, confissões religiosas, e expressões artísticas diferentes, bem como a própria arte funerária, que tem configuração própria em cada um dos quatro cemitérios.

Atualmente em Porto Alegre, o repertório e as possibilidades das visitas mediadas têm sido ampliados, com a adesão do Cemitério São José à esse tipo de iniciativa. O Centro Histórico e Cultural da Santa Casa em parceria com o Cemitério São José tem realizado caminhadas nos dois cemitérios. O roteiro inicia no Cemitério da Santa Casa, onde vemos diversos sepultados de atuação política e muitas obras de arte funerária de grandes dimensões (como os célebres monumentos funerários de Júlio de Castilhos e de Pinheiro Machado).

As duas necrópoles são unidas por um caminho que permite aos participantes entenderem a integração desses espaços funerários enquanto um bairro de cemitérios, pois são vizinhos uns dos outros. O caminho estava abandonado, e foi revitalizado para receber a caminhada. No evento é possível analisar e compreender os períodos de fatura da arte funerária e as principais marmorarias. Na necrópole da Santa Casa há uma produção bem diversificada, entre marmorarias e artistas (Obino Sucessor, Lonardi e Teixeira, Floriani, A Graniteira) e no Cemitério São José, temos um acervo muito característico da Marmoraria Casa Aloys, uma vez que o fundador dessa marmoraria era membro da Comunidade de Alemães Católicos de São José e foi administrador desse cemitério. As caminhadas noturnas têm muita procura, sempre com mais de cem pessoas inscritas. A iniciativa foi muito elogiada, ainda mais por se tratar da patrimonialização do Cemitério São José, que teve boa parte de seu acervo perdida ao implementar um estacionamento. As obras que remanesceram foram inventariadas, diagnosticadas quanto ao seu estado de conservação e agora fazem parte do roteiro de visitação.

A partir da experiência das visitas mediadas do Viva o Centro a Pé e das ca-

minhadas do Centro Histórico e Cultural Santa Casa, as caminhadas culturais foram assimiladas como parte das atividades desenvolvidas no Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais da UFPel, no Grupo de Pesquisa Marmorabilia.<sup>3</sup> Em 2018 realizamos pelo menos duas visitas abertas ao público – uma diurna e uma noturna. A visita diurna ocorreu na Semana Nacional de Museus, em maio de 2018 e fez parte do *Minicurso de Arte Funerária*. As atividades do minicurso foram uma palestra sobre arte funerária e arte cemiterial, um passeio ao cemitério, mediado pelos acadêmicos do Bacharelado em Conservação e Restauração e o arquiteto Anderson Aires Pires, e após a visita, fizemos uma conversa para compartilharmos estratégias de valorização para arte cemiterial de Pelotas e o espaço do cemitério. Tivemos cerca de cinquenta participantes no minicurso e os resultados foram interessantes. As sugestões para salvaguarda do espaço foram registradas para serem analisadas e implementadas. Um relato das atividades foi enviado à administradora da necrópole.

Uma das sugestões do Minicurso de Arte Funerária foi a visita noturna ao cemitério, que já havia sido solicitada pela própria administração. Assim, no dia 17 de agosto de 2018, celebramos o Dia do Patrimônio com o primeiro Passeio Noturno ao Cemitério da Santa Casa de Pelotas. Os passeios noturnos já acontecem há algum tempo nos cemitérios de Porto Alegre, da Argentina, de Portugal e do Chile, mas em Pelotas ainda não haviam sido realizados.

A atividade foi um sucesso, recebeu cerca de oitenta pessoas. Foram apresentados, a partir dos monumentos funerários, personagens ilustres da história da cidade de Pelotas: escritores, artistas, políticos, charqueadores e nobres. O passeio mostrou alguns dos principais túmulos da necrópole, as esculturas, os epitáfios e os símbolos que falam da morte. O roteiro contemplou o traçado urbano da cidade e o desenvolvimento dos cemitérios, notícias de morte, poesias, histórias de vida e do Rio Grande do Sul. O objetivo foi sensibilizar a comunidade para este lugar tão valioso, repleto de arte e de cultura, essencial para conhecermos nossa história.

## **A restauração dos artefatos pétreos e a conservação da arte cemiterial**

Ainda na Semana Nacional de Museus, os Museus da UFPel foram para a rua, no Largo do Mercado Público, quando o evento recebeu a visita de dezenas de escolas de ensino fundamental e da comunidade em geral. Foram montadas barracas

---

<sup>3</sup> O Grupo de Pesquisa Marmorabilia: Cemitérios do Rio Grande do Sul atua desde 2011 em cemitérios de Porto Alegre e de Pelotas, inventariando os monumentos funerários e pensando estratégias para preservação dos acervos de arte funerária das necrópoles. É composto por acadêmicos do Curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais, conservadores e restauradores, arquitetos, museólogos, pedagogos e artistas visuais. Dentre as atividades do grupo destacamos: inventário e catalogação de túmulos, visitas mediadas diurnas e noturnas nas necrópoles e a restauração dos monumentos funerários, bem como a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso, Monografias, Dissertações e Teses sobre o assunto. Participantes da Primeira Visita Noturna: Luiza Neitzke, Anderson Pires, Jamila Macedo, Pétrya Bischoff, Sandra Cedrez, Juliana Iost, Kerllen Cavalheiro.

do exército com material de divulgação dos museus e dos cursos de Conservação e Restauração e Museologia. O Grupo de Pesquisa Marmorabilia participou com a exposição de uma lápide em mármore, que mostrava duas etapas da conservação do artefato: uma antes de ser limpa quimicamente, e a outra com a limpeza efetivada. Uma das acadêmicas mediou a interação das crianças com o artefato.

A lápide foi colocada sobre uma mesa, e as crianças que visitam a barraca podiam tocar e fazer perguntas sobre o artefato, que tem gravado em relevo os dados da falecida e o desenho de folhas de videira. O apelo tátil do relevo é muito forte e atraía muito a atenção das crianças, que se amontoavam para tocar na superfície da pedra. A mediadora instigava a percepção dos pequenos em relação ao material utilizado, à data de nascimento e de falecimento da pessoa, ao que estava representado ali no material.

Nosso grupo recebeu também a visita de pessoas que costumam ir ao cemitério ou que já há algum tempo não o faziam, e que contavam histórias ou partilhavam curiosidades. Foi especialmente interessante ver que faixas etárias tão distintas podiam se encontrar ali, em torno daquele artefato, e compartilhar suas impressões.

Quando restauramos artefatos, a maioria deles não devem ser tocados, mas sim colocados em um dispositivo de exposição ou de guarda específicos. Aqui no exemplo dessa lápide, trabalhamos um artefato que possui valores materiais e artísticos, mas que pode ser manuseado. Não se trata de um material frágil, nem de um objeto com uma intervenção complexa, ou ainda que não possa ser tocado.

A lápide restaurada assumiu outro papel. Como se trata de um artefato de guarda do grupo Marmorabilia, e por apresentar condições materiais adequadas, ela pôde ser manuseada e indicou que é possível aproximar as novas gerações do cemitério. O objeto assume papel de instrumento didático, e a partir dele foi possível levantar questões, interesses. O mesmo pode ser feito com outros túmulos do cemitério, desde que efetivamente tenham bom estado de conservação.

Os túmulos são feitos em materiais muito duradouros, e sua restauração compreende também a ressignificação desses monumentos no repertório da comunidade. O cemitério enquanto um espaço cultural permite que as escolas utilizem o lugar como um laboratório de estudos, para aproximar os alunos da história e do material artístico. Cada campa, cada lápide com seus relevos é uma matriz de gravura. Cada escultura é uma alegoria com significados de valores, sentimentos, memórias, virtudes, dores. Cada nome ali inscrito é um universo, que para nós permanece ainda desconhecido, mas que pode sempre se revelar desde que levantemos deles o manto do esquecimento.

## Considerações finais

Os cemitérios são lugares de arte, história, cultura e religião. Podemos conhecer a nós mesmos frequentando as necrópoles, pois seus espaços propiciam um ambiente de reflexão, que instiga a busca pelo nosso passado. Os túmulos são obras de arte

de um fazer irrepetível, produto de outro tempo e que devem ser divulgados e preservados. Atualmente o cemitério deve ser entendido como um espaço cultural, e que podemos voltar a frequentar. Naturalmente o lugar surge de um desejo de expressar a saudade, representar a dor, a ausência e o lamento, mas nossa relação com esse espaço hoje, é de espectadores e de agentes do patrimônio. Com a mudança de costumes diante da morte, os cemitérios oitocentistas se tornaram acervos de arte que permitem conhecer e aprender, não só sobre as obras, mas também sobre o amor e o respeito que esses túmulos evocam e professam há mais de um século.

## Referências

Centro Histórico Cultural Santa Casa. Disponível em: <<http://www.centrohistoricosantacasa.com.br>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **Os cemitérios artísticos como laboratórios de estudos**. MOUSEION, Canoas, n.25, dex.2016, p.75-89. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/1981-7207.16.39/0>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

\_\_\_\_\_. **História e Arte Funerária dos Cemitérios São José I e II em Porto Alegre (1888-2014)**. 2015. 539 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, UFRGS, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/122577>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz uma morte: atitudes fúnebres na trajetória da empresa funerária da Família Hass de Blumenau**. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. 2013, 399 f. Tese (Doutorado em História), Santa Catarina: PPGH/UFSC, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107130/318633.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 de novembro de 2018.